

HOMOFOBIA NA ESCOLA: FATORES SOCIAIS BRASILEIROS QUE CONTRIBUEM PARA ALTAS TAXAS DE VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS LGBTQIA+

Thiago Luiz Sartori
Universidade Anhanguera de Santo André (UNIABC)
tlsartori@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Existem dois fatores na sociedade brasileira que contribuem para as altas taxas de violência contra pessoas LGBTQIA+: o sistema patriarcal e o fundamentalismo religioso, na forma de discurso de ódio disseminado por grupos. A noção de formas culturalizadas de violência pode gerar formas de violência, como homofobia e transfobia, porque estão enraizadas nas crenças da sociedade.

No caso do Brasil, o sistema de patriarcado está profundamente enraizado em sua sociedade. Essa retórica do “machismo” enquadra a figura masculina como a figura superior do poder, com comportamento masculino, força superior, tendência à violência e falta de sensibilidade.

Em geral, homossexuais, homens e mulheres transgêneros desafiam essa noção preconcebida de que os homens devem ser masculinos e, posteriormente, vistos com preconceito. A alta incidência de ataques motivados por ódio ocorre, em grande parte, devido à cultura do machismo, que é intolerante a não conformidade de gênero e frequentemente responde a ele com atos de violência.

Ao desviar-se do que é considerado normal, as pessoas LGBTQIA+ são percebidas como vergonhosas pela sociedade e suas famílias, o que as tornam alvo de violência, discriminação e, em muitos casos, causando sua morte.

O segundo fator está relacionado à crescente força dos fundamentalistas na política e na sociedade brasileiras; a ascensão do fundamentalismo evangélico no Brasil, na última década, e seu discurso de ódio contra homossexuais são vistos por muitos como o principal contribuinte para essa crescente homofobia.

Os evangélicos representam cerca de 25% da população brasileira; apesar de serem apenas um quarto da população, os líderes religiosos alcançam milhões de pessoas através de suas estações de televisão e rádio. Eles usam esses meios para espalhar suas opiniões discriminatórias e contribuir para a violência crônica anti-LGBT vista no país.

Os evangélicos estão cada vez mais poderosos e se tornaram uma grande força dentro do Congresso Nacional, fazendo parte do bloco mais poderoso da política brasileira. Atualmente, os evangélicos representam a maioria da Câmara dos Deputados e contribuem para o Congresso mais conservador eleito, desde 1964.

Os políticos evangélicos fazem parte de uma coalizão chamada “bala, carne e bíblia”, que tende a apoiar movimentos sociopolíticos conservadores, como movimentos anti-LGBT.

MÉTODO

No contexto da pesquisa qualitativa utilizou-se de entrevistas para a compreensão do fenômeno investigado. Foi empregado um roteiro semiestruturado para entrevistar sete gestores de seis escolas da rede estadual de São Paulo. As materialidades empíricas (registro das entrevistas) foram examinadas por meio da análise do conteúdo (BARDIN, 2016).

Buscamos compreender a percepção dos gestores com base na seguinte indagação: beijar pode?

RESULTADOS

O cotidiano das escolas é marcado por uma cultura conservadora, portanto, não é de estranhar que os gestores sejam resistentes às expressões de carinho e, portanto, de beijo no ambiente escolar. Contudo, com o passar do tempo, essas práticas vêm sendo cada vez mais contestada pelos jovens; mas e se for beijo entre pessoas do mesmo sexo, também conhecida vulgarmente como beijo *gay*? Parece que não. Ao contrário, não pode para ninguém – pelo menos foi o que declarou, em 2015, a dirigente regional de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, diante de uma situação que envolveu dois alunos se beijando e uma atitude conservadora da diretora para lidar com o assunto. Apesar da dirigente afirmar, em entrevista a uma emissora de TV:

Temos de ouvir a escola, os envolvidos, não posso dizer se foi adequada a suspensão. O que não é permitido dentro da escola é namorar, a escola não é lugar para namoro, tanto faz se o casal é heterossexual ou homossexual. É uma regra que vale para todos, namorar na escola não é permitido. Manifestações de carinho tudo bem, mas namorar não. A escola tem outro foco, de aprendizagem, estudo. (NAKAOSKI, 2015, p. 1).

Trata-se de uma resposta técnica, conservadora que demonstra desconhecimento da diversidade, assim como ratifica a heteronormatividade presente na cultura escolar. Mas esse ponto de vista não diverge muito do que foi identificado nesta pesquisa, quando o assunto é beijo *gay*, tendo em vista que os diretores, com exceção da Escola 1, demonstraram que agirão sem distinção, pois não permitem esse tipo de atitude na escola.

Na escola eu trabalho com um todo, independentemente de ser um casal hétero ou homoafetivo, vou chamar a atenção para não se beijar e se respeitarem, pois, a escola não é o local adequado para isso. (GESTOR 2).

A mesma que teria para um casal hétero, vou chamar para conversar e explicar que esse não é o ambiente adequado. Conscientizar que não é ambiente adequado. (GESTORA 3).

Esse tipo de atitude desconsidera a mudanças que vêm ocorrendo na contemporaneidade, ignorando que:

O mundo moderno, e mais especificamente o pós-moderno, configura-se em um quadro de rápidas transformações sociais, culturais e comportamentais para os diversos grupos humanos. Dentre esses agrupamentos, um dos que mais sofrem as consequências dessas transformações é o dos adolescentes, tanto em função de vulnerabilidade, quanto devido à sua abertura ao novo e à sua necessidade de romper barreiras e padrões estabelecidos (SANTROCK, 2003 apud OLIVEIRA *et al*, 2007, p. 497).

Não que esteja fazendo uma apologia à vulgarização do sexo (das relações), mas o desconhecimento da necessidade de rompimento com certas barreiras e padrões estabelecidos representa um retrocesso para a educação. A escola precisa aprender a lidar com assuntos, como o beijo na escola, com mais naturalidade e não será a suspensão dos alunos diante da constatação do fato que fará com que eles não o façam. Ao contrário, é bastante provável que isso os incite ainda mais a transgredir, gerando conflitos entre educadores e educandos. Contudo, parece que não existe uma preocupação por parte dos gestores sobre isso, quer seja se o assunto é beijo *gay* ou hétero.

CONCLUSÕES

Em síntese, o padrão das respostas indica que seriam tomadas atitudes similares em decorrência de haver alunos beijando na escola, sejam eles casais

heterossexual ou homossexual, sob a alegação de que o ambiente escolar não é adequado para esse tipo de demonstração afetiva. Cabe salientar que as concepções desses gestores, seja com relação ao beijo gay, à igualdade de gênero, assim como outro assunto que fuja à “normalidade escolar”, estão atreladas, entre outras coisas, à omissão das políticas públicas que vêm se eximindo de discutir assuntos dessa natureza. É oportuno salientar que termos como “gênero” e “sexualidade” foram retirados de documentos, como Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os planos estaduais e municipais de educação.

Essa omissão está atrelada à falácia de uma suposta “ideologia de gênero”, que estaria por trás dos temas citados. Contudo, é sabido que, na verdade, o que prevaleceu foi uma concepção moralista e conservadora de representantes de grupos religiosos e alas conservadoras do meio empresarial e político brasileiros.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

NAKAOSKI, Maria Sílvia. Dirigente apura sobre beijo gay e diz que escola não é local de namoro. **G1**, 6 abr. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/04/dirigente-apura-sobre-beijo-gay-e-diz-que-escola-nao-e-local-de-namoro.html>. Acesso em: 12 abr. 2020.

OLIVEIRA, Denize Cristina de *et al.* "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, out. 2007.

SARTORI, Thiago Luiz. políticas públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – Rev. Pemo**, v. 3, n. 3, p. e335484, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5484>. Acesso em: 25 jul. 2021.